

Desiderium Aeternitatis e Conhecimento de Deus: uma análise da possibilidade de um ponto de contato à luz da apologética actual

Jeffson Veríssimo de Oliveira¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo examinar se o *desiderium aeternitatis* pode ser um ponto de contato entre cristãos e não cristãos do ponto de vista da apologética actual. Para isso, busca-se definir no que consiste esse anseio pela eternidade a partir de uma análise do texto de Eclesiastes 3:11. Em seguida, descreve-se o como C. S. Lewis explicou esse desejo pela eternidade ao longo de sua vida e obra. A partir daí discute-se sobre a revelação natural de Deus e sua relação com o a doutrina do conhecimento de Deus. Num último momento, é ponderado sobre a possibilidade do *desiderium aeternitatis*, reflexo da *imago Dei* e do conhecimento de Deus impresso no homem, ser um ponto de contato entre cristãos e não cristãos na apologética cristã, especificamente na apologética actual. Tendo em mente a distinção entre o aspecto metafísico e epistemológico da revelação, conclui-se que o *desiderium aeternitatis* pode ser utilizado como um ponto de contato entre cristãos e não cristãos.

Palavras-chave: Revelação Geral. Imago Dei. Anseio pela Eternidade. Apologética Cristã.

¹ Graduado em Engenharia de Produção na UFCG. Especialista em Engenharia de Segurança-FIP. Pós-graduado em Gestão de Projetos-USP. Professor do Curso técnico em Segurança do Trabalho. Graduando em Teologia pelo STEC.

Introdução

Está no mais profundo de cada coração o desejo por encontrar uma realidade arrebatadora. Fomos criados com um desejo enraizado no fundo da alma de destrar a vida e toda nossa experiência neste mundo. Do início ao fim de nossa vida, há essa inquietação universal que parece não dar trégua. De onde vem essa inquietude? Por que ele persiste dentro de nós? E mais importante, para quem ou o que ele aponta?

Essa inquietação universal, esse desejo por descobrir a completude e encontrar um lugar de repouso permanente tem sido estudado ao longo do tempo e merece atenção do ponto de vista teológico e filosófico. Filósofos tentaram explicar, poetas tentaram expressar e a teologia também propõe uma resposta.

Na teologia reformada, tem-se identificado esse anseio pelo eterno como um aspecto da revelação de Deus e do conhecimento do homem sobre seu Criador. Deus, que criou o homem e o pôs nesse mundo, implantou a eternidade no seu coração para que ele buscasse compreender a Deus e os seus pensamentos eternos no curso temporal da natureza e história. (BAVINCK, 2001). João Calvino escreveu sobre certo senso da divindade que Deus infundiu em todos os seres humanos para servir de testemunho de que todos sabem que Deus existe e é seu Criador (CALVINO, 2006).

Dentre as diversas áreas da Teologia Filosófica, encontra-se a apologética, que busca defender a fé e reivindicar a verdade das premissas cristãs. Ela “é a vindicação da filosofia de vida cristã em contraste com as várias formas de filosofia de vida não cristãs.” (VAN TIL, 2010a, p. 19). Daí, surge o interesse de se estudar sobre a relação entre essa inquietação humana universal pela eternidade e o conhecimento de Deus dado por meio da revelação natural, questionando se isso pode ser utilizado na apologética cristã. Logo, pretende-se focalizar na seguinte questão: Qual a relação do *desiderium aeternitatis* com a revelação natural de Deus e quais suas implicações para a apologética actual no que diz respeito ao ponto de contato entre cristãos e não cristãos?

Pesquisar esse assunto torna-se relevante por analisar a correlação dessas duas áreas da vida cristã e perceber suas interligações, discorrendo sobre o desejo pela eternidade, aspecto tão presente em nossa experiência, e buscando inseri-lo dentro do contexto da apologética cristã, especificamente dentro da escola de defesa da fé que detém o interesse deste estudo: a apologética pressuposicional ou actual. Assim, trata das aproximações entre essas duas áreas, onde não há tanta reflexão

teológica do ponto de vista de sua relação e interconectividade. Justifica-se também por sua importância teológica e filosófica, ao tentar discutir sobre as perguntas e inquietações humanas, buscando identificar como esse anelo pelo eterno, aspecto comum e universal da natureza humana, dá vislumbres em nossa realidade e surge em nossa experiência, evidenciando o conhecimento que o homem possui acerca de Deus manifesto na revelação geral, por ter sido criado à sua imagem. Ainda, traz à tona a riqueza da apologética pactual, destacando sua importância e eficácia ao desenvolver uma abordagem distintamente bíblica.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é discutir a possibilidade de o *desiderium aeternitatis*, como um aspecto da revelação natural de Deus dentro do homem por ele ser criado à imagem de Deus, ser utilizado como um ponto de contato entre cristãos e não cristãos, especialmente nos termos da apologética pressuposicional, considerando o pensamento de autores reformados como Van Til, Herman Bavinck, Calvino, John Frame, entre outros.

1. *Desiderium Aeternitatis* (o anseio pela eternidade):

Breve análise bíblica

Há no homem um desejo inato por algo que vai além dessa realidade visível. Criado à imagem de Deus e estando em um relacionamento pactual com seu Criador, o ser humano sabe que existe algo além desse mundo. A experiência humana é, muitas vezes, uma jornada na busca de saciar o desejo que almeja transcender essa vida temporal e encontrar completude. Todos nós experimentamos de tempos em tempos um desejo que este mundo não pode saciar, um fragmento daquilo que tanto buscamos, um vislumbre pungente daquilo que aspiramos, uma sensação de que deve haver mais do que a realidade criada.

Esse sentimento difícil de traduzir está sempre presente, apontando indícios, ainda que não se saiba descrevê-lo bem. Frequentemente ele escapa de nós. É sempre fugaz, mas inconfundível. E, vez por outra, quando ele sobrevém, desejamos a todo custo mantê-lo vivo.

Existe uma expressão em latim que expressa o que foi descrito: *Desiderium aeternitatis*. Tal termo significa “desejo, ou anseio, pela eternidade” e é encontrado no livro de Eclesiastes, que diz: “Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim.” (Ec 3:11). Essa expressão “se refere

ao impulso profundamente enraizado e compulsivo no homem de transcender sua mortalidade e descobrir o sentido e o destino do mundo” (RADMACHER, et al. 2010, p. 996). Criados no tempo, aspiramos por algo além desse tempo, por algo durável. Anelamos por descobrir algo além, mais do que vapor. Desejamos enxergar algo sólido o suficiente para nossa vida, além da névoa passageira dos efêmeros dias aqui. E quanto mais vemos os dias de nossa vida se passar, mais nos arde esse desejo e o vemos despontar no horizonte de nossa existência.

Nesse sentido, Kaiser Jr (2015, p. 85-86) afirma que “os mortais possuem uma curiosidade inata e [...] querem saber como a esfera mundana “inferior” da vida diária ordinária se encaixa na esfera “superior” da vida futura”. O ser humano tem a eternidade no seu coração e, por isso, deseja superar seu conhecimento fragmentário e compreender o sentido completo de todo o padrão (RYKEN, 2017).

Esse impulso de ansiar entender os mistérios do mundo, da vida e seus possíveis significados, foi inserido por Deus no homem, ele é direcionado para o eterno. E ainda que ele vislumbre um pouco desses mistérios, não consegue conhecê-los inteiramente por si mesmo, à parte de Deus. (CHAMPLIN, 2001, p. 2714). Por ser imagem de Deus, o ser humano possui “uma vontade inquiridora inata a respeito de realidades eternas.” (RADMACHER, et al, 2010, p. 996). Logo, por ter a imagem de Deus impressa dentro de si, cada ser humano tem um “desejo bem enraizado, um impulso compulsivo” [...] para apreciar a beleza da criação, conhecer o significado do mundo e encontrar sentido para a vida. (KAISER JR., 2015, p. 85).

Neto (2018, p. 55) ressalta que esse *desiderium aeternitatis* aparece em diversas facetas de nossas vidas, tais como no compartilhar de experiências esportivas que parecem transcender tempo e espaço. Também pode se manifestar nas diversas formas de diversão humana². Ou ainda pela aspiração por explorar o mundo produzindo cultura humana, alimentando-se de fantasia e ficção científica ou mesmo na exploração real do universo³. Logo, percebe-se que tal anseio pode chegar até nós de diversos modos. Pode ser ao conhecer lugares paradisíacos que nos maravilham e faz ansiar por viver naquele “paraíso”, a ideia de um lar, em um lugar lindo, cheio de paz e experiências boas. Ou quando nos deparamos com suntuosas paisagens na natureza, seja o cantarolar dos pássaros, um pôr do sol deslumbrante ou a chuva

² Para um ótimo ensaio sobre como a busca por diversão manifesta o *desiderium aeternitatis* ver: NETO, Emílio Garofalo. A busca humana da diversão sobre a ótica bíblica de criação-queda-redenção. Fides Reformata XVI, N° 2 (2011): 27-49.

³ Emílio tem habilidade ímpar para tratar desse tema. Ver: NETO, Emílio Garofalo. **Homo explorens: o anseio humano pela exploração do universo.** In: Coram Deo: A vida perante Deus. Ensaio em honra a Wadislau Gomes. 1 ed. Brasília: Monergismo, 2017.

molhando nossos rostos. Ainda, lendo lindas histórias de amor, ou celebrando a emoção de um jogo de futebol. No prazer de estar perto dos amigos, na emoção de estar junto de quem se ama, em reuniões em que há alegria e apreciação de bons momentos. Nas boas risadas, nos churrascos, nas brincadeiras. Na viagem inesquecível. Na satisfação de desenvolver algo que, apesar de muito esforço, no final você olha com alegria e vê os bons frutos de seu trabalho. Enfim, em coisas que tocam o coração e faz um corte profundo na alma. Tocam a própria vida e nos leva para além daquilo que os próprios momentos expressam e proporcionam, ultrapassando-os com um lampejo longínquo que aponta para o eterno. Tais acontecimentos que dão a impressão de transcender tempo e espaço nos traz à lembrança que temos um anseio pelo eterno (NETO, 2018). Eaton e Carr (1989, p. 88-89), analisando esse desejo com base no texto de Eclesiastes e na vida de Salomão explicam:

A eternidade dos tratos de Deus com a humanidade corresponde a algo existente dentro de nós: fomos dotados de capacidade para as coisas eternas, temos interesse pelo futuro, desejamos entender “do princípio ao fim”, e temos o senso de algo que transcende nossa situação imediata [...] As extensas pesquisas do Pregador não descobriram nada, no reino finito deste mundo, que possa satisfazer o coração humano, de forma intelectual ou prática. Embora tenha resolvido compreender “tudo” que há sob o sol (1:13), existe aquele algo, dentro dele, que o faz perceber que jamais poderá compreender os planos de Deus em sua inteireza (desde o princípio até o fim).

Assim, ainda que tenhamos esse senso de algo que transcenda nosso mundo e aponte o eterno, não há nada no mundo criado que consiga sanar nossa curiosidade e desejo. Embora alguns momentos tragam a lembrança desse anseio e nos faça sentir uma aguilhada desse desejo, um vislumbre, o que o coração aspira não está nessas coisas ou momentos. Há uma aspiração presente em toda humanidade que não se satisfaz em definitivo com nenhuma experiência que se possa viver no mundo. “Deus pôs a eternidade no nosso coração, o que desperta em nós uma sede desesperada sem que haja água” (WILSON, 2015, p. 54). Mesmo que o ser humano vislumbre esse desejo e reconheça esse impulso pelo eterno, experimentando-o em alguns momentos, essas coisas não são suficientes para preencher o coração, não satisfazem o desejo. Conhecemos o suficiente sobre a eternidade para ao menos comparar o efêmero com o “eterno”, apesar de ser como alguém furiosamente míope tentando compreender o desenho de modo abrangente. Reconhecemo-lo em parte, mas o quadro inteiro se nos escapa (KIDNER, 1989).

Conquanto foi criado para algo superior, o homem tenta realizar esse desejo de várias maneiras alternativas à verdadeira (NETO, 2017). Isso porque o homem em sua natureza decaída por causa do pecado, possui uma inclinação natural em buscar satisfação nos lugares e coisas erradas. As Escrituras falam de nossa criação à imagem de Deus (Gn 1:26), imagem essa que foi desfigurada pela queda (Rm 3:23), contudo, não foi apagada. De acordo com Walter Kaiser Jr. (2015), os seres humanos, por serem criatura de Deus e ainda refletirem sua imagem, possuem um desejo no coração de conhecer o plano eterno de Deus. Entretanto, pelo fato de estar em rebeldia e não desfrutar de um relacionamento com o Criador, cada ser humano é separado da própria essência daquilo que todo o seu ser anela. Assim, “nós captamos estes momentos brilhantes, mas mesmo à parte das trevas com que se entremeiam, eles deixam-nos insatisfeitos devido à falta de um significado total que possamos entender” (KIDNER, 1989, p.19). Em outras palavras, temos lampejos fortes o suficiente para saber que há dentro de nós esse *desiderium aeternitatis*, mas que são incapazes de apontar o caminho para a verdadeira satisfação desse anelo. Logo, esse anseio pela eternidade permanece em nós, ainda que busquemos saciá-lo de forma autônoma em lugares que não pode nos dar aquilo que esperamos. O ser humano pode tentar abafá-lo, distorcê-lo ou direcioná-lo para outro lugar que não seja Deus, porém o angustiado anseio do coração por uma vida infinita com Deus perdura.

Destarte, podemos entender esse anseio humano pela eternidade como o grito do coração que pulsa por Deus, um sussurro de nossa completude em Deus. “Nascemos com uma saudade de outro mundo – de uma vida com Deus que se encontra além do alcance do tempo mortal” (RYKEN, 2017, p. 98). Ainda que o homem procure algum outro paliativo por conta de sua rebeldia, sua busca será vã e incapaz de saciar sua fome, visto que seu desejo é por desfrutar da comunhão perfeita com seu Criador, aspecto presente em sua condição pré-lapsária. “Deus nos fez em relacionamento com ele, e nada que fizermos poderá alterar isso. Ele é sempre aquele que nos fez, e nós somos sempre os que foram feitos. Ele é sempre o Criador, e nós somos sempre criados.” (WILSON, 2015, p. 53). Somos seres criados para algo além desse mundo e nosso coração anseia por descansar dessa busca pela eternidade. Há em nós um senso de onde nós viemos, do Éden, e por isso somos criaturas feitas para ser com Deus.

Nesse sentido, Madureira (2017, p. 76) afirma que:

O coração encontrará repouso apenas quando reencontrar sua origem e, ao mesmo tempo, seu destino último. Em outras palavras, Deus nos criou como uma flecha lançada em sua própria direção, o que significa que o “coração

inquieta” não é outra coisa senão uma disposição ou inclinação natural que movimenta o homem todo para Deus, sua origem e seu destino. O Criador nos fez para ele [*fecisti nos ad te*], e, como girassóis que naturalmente se inclinam para o sol, assim também o nosso ser é naturalmente orientado para se satisfazer nele.

Isso reverbera Agostinho, que enfatizou brilhantemente tal desejo e a direção para o qual ele aponta, a saber, Deus. Para ele, esse impulso interior é uma saudade do Éden, uma lembrança do jardim e dessa realidade que foi perdida com a queda, mas que ainda dá vislumbres como uma sede insaciável.

Certo impulso interior que nos convida a lembrar-nos de Deus, a buscá-lo, a sentir sede dele, sem nenhum fastio, jorra em nós dessa mesma fonte da Verdade. É luz que esse misterioso sol irradia em nossos olhos interiores[...] Esse sol revela-se a nós como sendo o próprio Deus, ser perfeito sem nenhuma imperfeição a diminuí-lo. Pois nele encontra-se toda perfeição, completa e íntegra, visto que ele é, ao mesmo tempo, o Deus todo-poderoso. (AGOSTINHO, 1998, p. 156).

No entanto, Agostinho reconhece que ainda não saciamos esse anseio, ainda não alcançamos a plenitude. Pois tal plenitude só será adquirida quando conhecermos perfeitamente o Deus trino. Isso lembra sua magnífica e tão conhecida oração, que expressa bem tudo o que foi dito: “Tu nos fizeste para Si mesmo e o nosso coração estará inquieto até que repouse em Ti.” (AGOSTINHO, 2019, p. 15).

2. *Desiderium Aeternitatis* na obra C. S. Lewis

É difícil falar sobre o desejo pela eternidade e não lembrar de C. S. Lewis. De acordo com Ryken (2017, p. 102) “ninguém explicou melhor do que C. S. Lewis as implicações do nosso desejo pela eternidade.” Na verdade, pode-se afirmar que uma das razões pelas quais o célebre escritor britânico é tão amado e lido por tantos se deve ao fato de sua fantástica e peculiar habilidade de evidenciar desejos tão presentes em todos nós, mas que são terrivelmente difíceis de expressá-los. Ele apontou como poucos a realidade de nosso anseio para além desse deste mundo. E esse anseio pela eternidade, que Lewis vai chamar de Alegria⁴, é uma espécie de fio condutor que perpassa toda sua obra. (DURIEZ, 2018). O próprio Lewis descrevendo em sua autobiografia sobre esse “desejo ardente” revela que “de certa forma a história central de minha vida não é sobre outra coisa” (LEWIS, 2015, p. 23),

⁴ *Joy*, em Inglês. *Sehnsucht* em alemão, que significa saudade ou nostalgia. Para mais detalhes, ver: LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Ultimato, 2015; DURIEZ, C. J. R. R. **Tolkien e C. S. Lewis: O dom da amizade**. HarperCollins, 2018.

evidenciando como esse anseio pela eternidade constitui-se aspecto essencial em sua vida e obra.

Em sua autobiografia *Surpreendido pela Alegria*, escrita em 1955, narra como foi a história de sua vida e sua consciência por um anseio que está além de si mesmo (DURIEZ, 2018). Ele descreve algumas de suas experiências: a lembrança de uma lembrança de uma certa manhã em uma casa velha, a sensação de sentir um desejo intenso após a leitura de um livro e leitura de uma poesia que lhe tocou profundamente. Sublinhou como ponto em comum entre tais experiências a ideia de um desejo não satisfeito. É “um desejo não satisfeito. Porém, ele é mais desejável que qualquer outra satisfação. Chamo-o de Alegria, [...] uma espécie particular de felicidade ou pesar. Só que é do tipo que queremos” (LEWIS, 2015, p. 23). Também observou essa “Alegria” como “o aguilhão, a pontada, o anseio incontável” (LEWIS, 2015, p. 70), uma espécie de lampejo que enche o coração, o eco de uma voz que ouvimos ao longe. Em *O Regresso do Peregrino* expressa esse desejo afirmando que é uma fome melhor que qualquer outra plenitude, uma pobreza melhor que qualquer riqueza (LEWIS, 2019). Desse modo, percebe-se como esse *desiderium aeternitatis* esteve tão intimamente presente na vida de Lewis. E mais, ele acreditava também que essa realidade fazia parte de toda humanidade por ser criada à imagem de Deus. Não era uma particularidade de sua personalidade, mas um distintivo de sua humanidade, uma experiência universal humana. Para ele, era um desejo que “não conseguimos esconder nem dizer, apesar de desejarmos fazer os dois”, um anseio que “nossa experiência está sempre deixando que ele transpareça” (LEWIS, 2008, p. 33). E essa “nostalgia de nossa vida inteira, nosso anseio de nos juntar com alguma coisa no universo de que nos sentimos separados agora[...] é um indicador de nossa real situação.” (Ibid. p. 45).

Entretanto, ainda que esse anseio pela eternidade seja um aspecto marcante em nossa experiência, ele pode muitas vezes ser confundido, percebido com inadequação. Lewis tinha uma aguda compreensão de que em nossa busca de realização desse desejo podemos não compreender tão bem o objeto para o qual ele aponta e direcionar nossa procura para falsos objetos. Ele mesmo constatou que repetidas vezes se iludiu em sua busca, encontrando falsas respostas, e que, contemplando cada uma delas percebeu o quanto se enganou (LEWIS, 2019, p. 17). Em outras palavras, temos a tendência de nos enganarmos fazendo uso de falsos objetos na tentativa de encontrarmos satisfação. Nossa busca é mal direcionada por não ser direcionada para Deus. O próprio Lewis também constatou isso, ao afirmar que a história humana é “a longa e terrível história da tentativa do homem de

descobrir a felicidade em outra coisa que não Deus.” (LEWIS, 2009b, p. 66). Fazemos uso de coisas ou objetos pensando que neles será encontrada a “Alegria”. Com isso, abafamos o objeto para o qual nosso anseio aponta, a saber, o próprio Deus. Logo, caracteriza-se como a epítome da idolatria. Ao buscar saciedade em coisas ao invés de Deus nossa busca torna-se uma experiência idólatra, que no fim das contas decepcionam por não proporcionar aquilo que era desejado:

Os livros ou a música onde pensamos estar colocada a beleza, nos trairão se confiarmos neles; ela não está neles, apenas vem através deles, e o que veio através deles foi anseio. Essas coisas – a beleza, a memória de nosso próprio passado – são boas imagens do que realmente desejamos; mas se são confundidas com a coisa em si, tornam-se ídolos idiotas, partindo o coração de seus adoradores. Pois elas não são a coisa em si; são apenas o perfume de uma flor que ainda não encontramos, o eco da música que não ouvimos, notícias de um país que nunca visitamos (LEWIS, 2008, p. 34).

Assim, embora o ser humano tenha dentro de si o *desiderium aeternitatis* e vislumbres da eternidade em seu coração, proporcionando uma saudade de algo que ainda não se viveu ou de alguém que ainda nem se conheceu, tais sentimentos não são suficientes para levá-lo a desfrutar da completude desse desejo. É apenas um resquício, um fragmento. Uma luz sempre fraca, uma aparência pálida e sempre fugidia. E todas essas imagens “se confundidas idolatricamente com a própria Alegria, logo se confessariam sinceramente inadequadas.” (LEWIS, 2015, p. 195). Para Lewis elas eram apenas um lembrete que apontava para algo e devia fazê-lo enxergar a realidade por trás delas.

Essas imagens eram um indicador de um outro mundo. Pelo fato de ter o *desiderium aeternitatis* implantado em seu coração, o homem tem uma expectativa de desfrutar de uma existência mais profunda. Porém, esse desejo, o anseio inconsolável, não pode ser satisfeito nesse mundo:

A maior parte das pessoas, se tivessem aprendido a examinar profundamente seus corações, saberia que querem, e querem com veemência, algo que não pode ser alcançado nesse mundo. [...] Se descubro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui criado para um outro mundo. (LEWIS, 2009b, p. 179-182).

Nenhuma experiência vivida aqui nesse mundo criado pode preencher o homem, que foi criado para o eterno. Esse anseio indelével indica que “nenhuma parte do mundo criado, e, portanto, nenhum aspecto de nossa existência, é capaz de preencher a humanidade.” (DURIEZ, 2018, p. 89). Em *Até que tenhamos rostos*, uma de suas obras de ficção, Lewis personifica esse anseio na personagem da princesa

Psique: “A coisa mais doce em toda minha vida foi o desejo de [...] encontrar o lugar de onde vem toda beleza [...] o meu país” (LEWIS, 2017, p. 73). Fomos criados para um outro mundo. Sentimos a ausência desse lar ao mesmo tempo em que sabemos que somente nesse novo país seremos completos. O desejo pelo eterno só será satisfeito em Cristo, na eternidade, nos novos céus e nova terra. Segundo Neto (2017), Lewis está sugerindo que nosso desejo é um sinal da existência de um mundo além deste, a saber, o anseio pela nova criação e a nova Terra, livre do pecado e suas consequências. Os raios de luz que surgem em nossa experiência são indicativos que apontam para o verdadeiro objeto do nosso anseio, o céu.

Momentos houve em que achei que não queríamos o céu, porém, com mais frequência pego-me pensando se, bem lá no fundo do coração, alguma vez desejamos algo mais. [...] Todas as coisas que sempre lhe dominaram profundamente a alma não foram senão indícios – vislumbres sedutores, promessas nunca de todo cumpridas, ecos que morreram tão logo lhe alcançaram os ouvidos. Se isso, contudo, realmente se tornasse manifesto; se alguma vez viesse um eco que não morresse, mas tomasse corpo no próprio som, você o saberia. Além de toda possibilidade de dúvida, você diria: “Eis enfim aquilo para que eu fui feito. (LEWIS, 2009c, p. 162-164).

Portanto, pode-se perceber que para Lewis esse desejo pelo eterno é uma experiência comum à toda humanidade e aponta para nossa eternidade com Cristo no novo céu e nova terra. Para Lewis, “toda a Alegria lembra algo. Nunca é uma posse, sempre é um desejo por algo remoto no tempo e no espaço, ou ainda “prestes a vir a ser”.” (LEWIS, 2015, p. 75). Tal desejo era uma nostalgia de nosso mundo como deveria ter sido antes da queda, a bem-aventurança do Éden, e um vislumbre do nosso anelo pelo mundo que será refeito algum dia, na consumação do Reino de Cristo. Quando isso acontecer, saberemos quem sempre foi o objeto de todo nosso anseio. Isso é tipificado no relato narrado nas crônicas de Nárnia, quando Tirian se encontra com Aslam, e é dito que “Ali estava o anseio de seu coração, enorme e real: o Leão dourado, o próprio Aslam.” (LEWIS, 2009a, p. 716).

3. Revelação e Conhecimento de Deus

É importante discorrer sumariamente a respeito da doutrina do conhecimento de Deus. Na tradição reformada, o conhecimento de Deus só é possível por conta de sua revelação. Em outras palavras, o homem só pode conhecer a Deus se Ele, por livre vontade, tornar-se conhecido. Se Deus não se revelar, nenhuma de suas criaturas poderá obter qualquer conhecimento acerca dele. Desse modo, todo conhecimento de Deus é alicerçado em sua revelação. Embora seja

impossível conhecer o ser de Deus na plena riqueza de sua glória, Ele é conhecido de todas as pessoas porque decidiu voluntariamente fazer-se conhecido por meio da sua revelação.

O conhecimento que o homem pode obter acerca de Deus como Criador procede de duas fontes: da realidade criada, que é cognominado de revelação natural, e da Escritura, denominado revelação especial. A revelação geral de Deus na natureza revela Deus em todas as coisas criadas, incluindo o ser humano, que foi criado à imagem de Deus. Logo, todo homem vê a revelação de Deus em todos os lugares e também dentro dele. Ela é suficiente para que o homem tenha conhecimento de Deus. Entretanto, porque a queda afetou todas as áreas de sua vida e ele agora vive sob a direção do pecado, numa condição de idolatria, tal conhecimento é insatisfatório para produzir comunhão e obediência a Deus, sendo somente capaz de apontar para nossa responsabilidade como criaturas, responsabilidade essa da qual não podemos nos escusar, e que nos torna indesculpáveis diante de Deus (Rm 1:18,32). Desse modo, necessitamos de uma revelação especial que nos traga o verdadeiro conhecimento de Deus, um conhecimento salvífico. Essa revelação especial ocorre pela iluminação do Espírito Santo no coração do homem por meio daquilo que Ele revela nas Escrituras, gerando um relacionamento de dependência e comunhão. Em outras palavras, “a própria luz da natureza no espírito do homem e as obras de Deus claramente manifestam que existe um Deus; porém só a sua Palavra e o seu Espírito o revelam de um modo suficiente e eficazmente aos homens para a sua salvação”⁵. Nesse capítulo, com vistas ao objetivo proposto e para fins de se discorrer sobre o tema central do trabalho, não é de interesse prioritário tratar sobre a revelação especial de Deus dada nas escrituras, mas focar-se-á primariamente naquilo que foi descrito como o conhecimento natural de Deus e algumas de suas implicações.

Na revelação geral, podemos conhecer Deus, o Criador, a partir da sua própria criação. É o conhecimento que todos possuem de Deus, por ser ele nosso Criador e Senhor. “Porque Deus é Senhor, ele não só é cognoscível para todos, mas também é conhecido de todos (Rm 1:21).” (FRAME, 2010, p. 34). Esse conhecimento decorre da percepção da ordem natural do mundo criado e da consciência que todo homem possui dentro de si, por ser criado por Deus à sua imagem. Nesse sentido, Bavinck ressalta que Deus não deixou o ser humano sem testemunho, mas:

⁵ Catecismo maior de Westminster, pergunta número 2. In: Aplicativo CONFES, 2016.

Com seu poder eterno e com sua divindade, ele exerce pressão revelatória sobre os seres humanos tanto de fora quanto de dentro. Deus confronta os seres humanos no reino da natureza tanto quanto no reino da humanidade, no coração e na consciência, na adversidade e na prosperidade. E os seres humanos, tendo sido criados à sua imagem, foram dotados com a capacidade de receber as impressões dessa revelação e, assim, adquirir uma noção e um conhecimento do Ser Eterno. (BAVINCK, 2012, p. 74)

Em decorrência da revelação natural de Deus, tanto subjetivamente através da consciência humana como por meio da realidade criada, todos possuem conhecimento de Deus. “Todos os homens são segundo a imagem de Deus, e, por conseguinte, conhecem Deus como ele se reflete na própria vida deles; Deus está tão perto que não há como escapar-lhe.” (FRAME, 2010, p. 57).

E não somente isso, mas todos os seres humanos estão cômnicos de sua responsabilidade pactual para com Deus, por serem suas criaturas. “A “luz da natureza”, e a “luz de seu ser”, fala aos homens sobre Deus como sendo o bondoso benfeitor da humanidade, chamando-os de volta a si mesmo.” (VAN TIL, 2010b, p. 28). A revelação de Deus faz com que todos saibam que ele é o Criador e, portanto, sejam conhecedores de sua autoridade. O homem sabe “que Deus está presente como aquele que nos une a ele numa relação pactual.” (FRAME, 2010, p. 57). Por meio dessa revelação natural, os homens necessariamente conhecem Deus e veem todas as demais coisas como dependentes dele, numa relação pactual. Mesmo que sua disposição para com Deus seja em rebeldia, o ser humano continua tendo Deus como ponto de referência. Mesmo que conheça a Deus em juízo e reprovação, a revelação natural atesta que ele o conhece. Se fosse ignorante no que diz respeito ao conhecimento de Deus, estaria livre da culpa, seria desculpável diante de Deus. Todavia, não é isso que Romanos 1:18,32 diz. O texto bíblico expressa que o homem, conscientemente, suprime o conhecimento de Deus. Ele procura substitutos para pôr no lugar do Criador. É, portanto, alguém indesculpável.

João Calvino, considerado o sistematizador e exegeta da reforma, dedica os primeiros capítulos de sua obra *Institutas da Religião Cristã* para discorrer sobre o tema do conhecimento de Deus. Para ele, todos possuem conhecimento de Deus por ter impresso dentro de si o *sensus divinitatis*, o senso da divindade, e uma semente da religião, uma disposição natural em direção ao sagrado. Calvino afirma o seguinte:

Que existe na mente humana, e na verdade por disposição natural, certo senso da divindade, consideramos como além de qualquer dúvida. Ora, para que ninguém se refugiasse no pretexto de ignorância, Deus mesmo infundiu em todos certa noção de sua divina realidade, da qual, renovando constantemente a lembrança, de quando em quando instila novas gotas, de

sorte que, como todos à uma reconhecem que Deus existe e é seu Criador, são por seu próprio testemunho condenados, já que não só não lhe rendem o culto devido, mas ainda não consagram a vida a sua vontade. (CALVINO, 2006, p. 47).

Logo, essa disposição humana intensamente enraizada no seu coração da realidade divina foi algo inculcado por Deus para que todos reconheçam que ele é o Criador e sustentador de todas as coisas. E mais, para que todos sejam indesculpáveis de sua rebelião diante dele (Rm 1:20). Recorrentemente esse fato é despertado na consciência do homem, haja vista que ele está no mundo de Deus. Porque Deus é um Deus que se revela no seu mundo criado e sobretudo na consciência humana, sua presença pactual está presente em todas suas obras e é inevitável, não há como o homem fugir. Assim, todo o conhecimento que temos acerca de Deus é também um reconhecimento de sua autoridade. E aqueles que conhecem suas obrigações diante de Deus como criaturas e não se submetem a sua vontade, têm consciência de sua desobediência e rebelião e, conseqüentemente, reconhecem a ira que pesa sobre si.

E porque está em rebelião contra Deus, sem prestar-lhe verdadeira adoração, praticando a idolatria, o ser humano busca sempre suprimir a verdade da revelação de Deus. Tenta fugir da realidade do Criador, todavia é impossível. Isso porque o conhecimento de Deus está impresso em ser, a luz da revelação de Deus brilha em seu interior. Van Til (2010b, p. 24) explica que, por tentarem abafar tal conhecimento e esconderem-se de Deus, os homens “viveriam prazerosamente onde a luz perscrutadora de Deus não lhes expusessem constantemente o próprio ser. Mas tal lugar não existe. A luz que a tudo vê não deixa de brilhar. Brilha, especialmente, dentro deles. Não há como esconder.” Calvino corrobora ao afirmar que:

É verdade que volvem-se para todos os esconderijos em que procuram ocultar-se da presença do Senhor, e de novo da memória a apagam, contudo, quer queiram, quer não queiram, nela sempre se conservam enredilhados. E por mais que por vezes pareça desvanecer-se por algum momento, no entanto logo depois surge, e com novo ímpeto irrompe, de sorte que, se porventura têm eles alívio dessa ansiedade da consciência, não será ela muito diferente do sono dos ébrios ou dos frenéticos, os quais na verdade, mesmo dormindo, não repousam tranquilamente, visto que são continuamente acoçados por sonhos terríveis e apavorantes. [...] Mais: esta convicção de que há algum Deus não só é a todos ingênita por natureza, mas ainda que lhes está encravada no íntimo, como que na própria medula, que a contumácia dos ímpios é testemunha qualificada, a saber, lutando furiosamente, contudo não conseguem desvencilhar-se do medo de Deus. (CALVINO, 2006, p. 54-55).

Por onde quer que o homem ande, seja lá o que faça ou busque, ele está sempre diante de Deus. No seu íntimo está cômico de que Deus existe. Independentemente de sua postura em relação ao Criador, seja em adoração ou idolatria, o conhecimento de Deus está cravado em suas criaturas. E não obstante àqueles que vivem em rebelde idolatria tentarem negar que Deus se faz conhecido mediante sua revelação e que sua glória brilha em todo no universo criado e na consciência humana, eles não conseguem se desvencilhar do seu Criador. Sua postura rebelde provém de sua orientação ética e idólatra e não porque Deus não é cognoscível. No entanto, essa própria atitude atesta a realidade de Deus e sua inevitável relação pactual com ele.

Portanto, é visto que esse senso da divindade e semente de religião estão impressos na constituição do homem por Deus e são uma prova que ele conhece Deus e é, portanto, indesculpável. Por ser criado à imagem de Deus, toda a humanidade conhece seu Criador. E nesse sentido, “as pessoas devem ser informadas de que a revelação de Deus está ao redor delas e que essa revelação dentro delas é clara, tornando-as indesculpáveis.” (VAN TIL, 2018, p. 189). Por Deus ser o Senhor e Criador, tudo no universo criado tem a sua marca e todos os homens, em todos os lugares, têm conhecimento do verdadeiro Deus e estão em uma relação pactual com ele, independente de qual seja sua orientação ética. Ainda que eles tentem combater essa verdade e suprimir tal conhecimento de inúmeras maneiras por causa da idolatria dos seus corações, no fundo, todos estão cientes da revelação e conhecem o verdadeiro Deus.

4. Revelação e *desiderium aeternitatis*: sobre a possibilidade de um ponto de contato

Nesse último capítulo será exposto como o *desiderium aeternitatis* relaciona-se com a revelação natural de Deus e quais suas implicações para a apologética, discutindo a possibilidade de ele poder ser um ponto de contato entre cristãos e não cristãos. Como já foi visto, a revelação natural faz com que todos tenham conhecimento de Deus. O homem sendo imagem de Deus, possui conhecimento de Deus dentro de si. Por ser criatura de Deus, criado à sua imagem, vive numa relação pactual com ele e toda a realidade revela Deus. Não existe nenhum lugar do mundo criado que não revele Deus. Não há sequer um lugar que o homem queira fugir que a presença revelacional de Deus não esteja (Sl 139:8). Logo, o ser humano está cercado pela revelação. Ele está em contato com a revelação de Deus em tudo o que ele faz. Ele

não pode nem mesmo estar consciente de si sem estar cômico de que é uma criatura. Tudo o que ele é, pensa e faz é derivativo e aponta para o Deus trino. Não consegue “sequer mirar a si próprio sem imediatamente volver o pensamento à contemplação de Deus, em quem vive e se move” (CALVINO, 2006, p. 47). Toda consciência que tem a respeito de si mesmo e do mundo está indelevelmente ligada à sua consciência de Deus, de sua dependência e responsabilidade diante dele. Ainda que o incrédulo negue externamente a verdade de Deus de modo enfático, ele não está privado do conhecimento de Deus dentro de si (BAHNSEN, 2016).

Em outras palavras, o ser humano é sempre teorreferente⁶. Isso significa dizer que “Deus é o referencial único para tudo. Não é apenas central a tudo o que existe. É mais do que isso: tudo o que existe, existe em referência a Deus.” (GOMES, 2018, ed. Kindle). No que isto significa de positivo, o homem responde com fé à revelação de Deus. No que isto significa de negativo, reprime a verdade de Deus e vive como se fosse autônomo. Nesse sentido, todos os seres humanos ou estão em Adão ou estão em Cristo. Isto é, a despeito de sua reação ética, todos estão diante de Deus, em contato com sua revelação que é clara, seja por dentro ou por fora. Aqueles que estão em Adão, estão em desobediência e rebeldia à revelação, buscando viver autonomamente, cometendo idolatria e suprimindo a verdade de Deus. Aqueles que estão em Cristo, recebem pela fé a verdade revelada de Deus, submetendo-se de modo obediente às suas leis, encontrando nele todo significado. Visto que todas as pessoas estão cercadas por um ambiente abrangentemente revelacional da presença de Deus e, assim, conhecem o verdadeiro Deus e suas responsabilidades pactuals para com ele, elas necessariamente irão responder a esta revelação, seja tentando suprimi-la ou expressando fé e obediência. Deus é o ponto de referência para toda e qualquer predicação humana. Cristãos e não cristãos vivem teorreferentemente, seja de modo positivo ao abraçar a verdade ou negativamente, suprimindo-a.

Desse modo, não pode existir nenhum terreno neutro na interpretação de toda realidade. Não há nenhuma área da vida que seja indiferente em relação à Deus. Inexiste a possibilidade de neutralidade na interpretação dos fatos. Independente do lugar para onde o homem direcione seu olhar, ele é sempre confrontado com a presença pactual de Deus. De acordo com Bahnsen (2016), pelo fato de Deus ser o ponto de referência último, cada área da vida e cada fato não podem ser desligados dele, sendo impossível existir neutralidade, haja vista que nada pode escapar de sua

⁶ Termo cunhado por Davi Charles Gomes, precursor e um dos mais notáveis especialistas da apologética pressuposicional/pactual no Brasil. Para mais detalhes sobre o termo ver: GOMES, Davi Charles. **A metapsicologia vantilianiana: uma incursão preliminar**. Fides Reformata XI, N° 1 (2006): 113-139, nota 14.

influência, controle e requisitos. Seja obediente ou rebeldemente, todas as pessoas estão no ambiente de Deus, conhecem-no e devem respondê-lo factualmente como Senhor. São sempre confrontadas com as reivindicações de Deus. “Eles continuam a receber de Deus os seus dons e benefícios. Deus não é Criador do homem sem que não seja também seu bondoso benfeitor.” (VAN TIL, 2018, p. 189).

No entanto, se o incrédulo está em rebelião contra Deus devido ao pecado que nele habita e tenta suprimir o conhecimento de Deus, interpretando os fatos da revelação como se fosse autônomo e o ponto de referência final, ele não tem nada em comum com o cristão que se submete a revelação de Deus, epistemologicamente falando. Não há como existir um terreno comum na interpretação dos fatos, haja vista que o incrédulo interpreta a experiência humana com base no pressuposto da autonomia do seu pensamento, buscando suprimir a verdade da revelação de Deus ao seu redor e dentro de si. Isso significa dizer que “quando e na medida em que o homem natural está engajado em interpretar a vida em termos de seus princípios, então, e somente então, ele não tem nada em comum com o crente.” (Ibid., p. 224). Ou seja, caso ambos sejam autoconscientes de sua interpretação dos fatos da revelação, e o incrédulo interprete a vida segundo seus princípios pecaminosos, eles não possuem nada em comum, haja vista que interpretam a revelação em direções opostas. Por um lado, o crente responde em obediência ao pacto, do outro, o incrédulo faz de si seu ponto de referência e responde em rebelião à revelação.

Então, é perceptível que crente e incrédulo operam em bases distintas. Cristãos respondem em obediência e tem Deus como seu ponto de referência último. Não cristãos suprimem a verdade de Deus recebida através da revelação e operam como se eles próprios fossem o ponto de referência final. Isto demonstra que, em princípio, não existe nenhuma noção comum entre crentes e incrédulos. Se forem coerentes com suas visões de mundo, crente e o incrédulo não possuem nada em comum. Quando cristãos e não cristãos “são epistemologicamente autoconscientes, e como tais, engajados no esforço interpretativo, não se pode dizer que tenham algum fato em comum.” (Ibid., p. 57). Se o descrente agisse coerentemente com base em seus pressupostos, não existiria um ponto de comunicação em comum entre ele e o crente. Existiria somente uma antítese absoluta entre ambos.

Só que o incrédulo jamais consegue viver coerentemente de acordo com o que professa, não consegue viver conforme suas crenças até as últimas consequências. Jamais consegue viver e agir consistentemente de acordo com seus princípios pecaminosos. Ele é inconsistente com sua visão de mundo. “Sempre haverá alguma incongruência no incrédulo, não só em sua formulação teórica, mas

particularmente entre sua formulação teórica e sua vida.” (FRAME, 2010, p. 381). Schaeffer, que foi aluno de Van Til e profundamente influenciado por seu pensamento, se assemelha a ele nesse quesito ao afirmar que o incrédulo jamais consegue viver consistentemente com os seus pressupostos, visto que ele está inserido na realidade do mundo externo criado por Deus e possui a “hombridade”⁷ dentro de si, que o faz ser conhecedor da revelação desse Deus pessoal e o coloca sob a tensão de viver de modo incongruente com o seu sistema de pensamento na prática (SCAHEFFER, 2016). Pearcey (2018) corrobora ao enfatizar que a supressão do conhecimento de Deus por parte do incrédulo cria nele uma tensão interna aguda, algo que ela chama de dissonância cognitiva. Sendo assim, não é possível para o incrédulo suprimir toda a verdade, visto que ele está rodeado pela revelação de Deus, por dentro e por fora. Ele toma capital emprestado para funcionar no mundo.

Porque o não cristão é incoerente, torna-se necessário questionar sua interpretação sobre todos os fatos revelados. Van Til ressalta que é preciso destruir a máscara de ferro que o pecador utiliza para suprimir seu conhecimento e o fazer olhar para si mesmo e para o mundo como verdadeiramente são, estruturas da revelação de Deus. Também utiliza a ilustração do pecador usando óculos coloridos cimentados nos seus olhos que devem ser removidos, para mostrar a necessidade de mostrar a falência de sua visão de mundo (VAN TIL, 2010a). Schaeffer faz uso do mesmo argumento utilizando a ilustração de “arrancar o teto” como uma forma de expor as inconsistências do incrédulo (SCAHEFFER, 2016).

Ao mostrar a realidade da revelação de Deus presente em todos os lugares e apelar para imagem de Deus impressa em nós e comum a todos os homens, tanto eleitos como réprobos, o cristão terá um ponto de contato com o não cristão. Tendo em vista que ambos são criaturas de Deus e tudo dentro de si e em sua volta fala de Deus, o crente pode encontrar um ponto de contato na sua discussão com o incrédulo. A antítese ética existente entre incrédulos e crentes por responderem à revelação distintamente, estes estando em Cristo e aqueles estando em Adão, pressupõe Deus e o fato de que todos são suas criaturas e se relacionam pactualmente com ele. Desse modo, pode-se afirmar que cristãos e não cristãos possuem em comum a situação metafísica e, assim, têm todos os fatos em comum, haja vista que estão no ambiente revelacional de Deus. “Metafisicamente, as duas partes têm todas as coisas em comum” (VAN TIL, 2018, p. 57), pois ambos lidam com

⁷ A “Hombridade” do homem são aspectos do ser humano, tais como significado, amor, racionalidade, que dão evidências de que ele foi criado à imagem do Deus pessoal. In: Schaeffer, Francis. **O Deus que intervém**. Cultura Cristã, 2016. p. 212.

o mesmo Deus e, por serem feitos à sua imagem, são suas criaturas factuais. Existe então um terreno comum abundante entre crentes e incrédulos, terreno este de natureza metafísica, no fato de que ambos são criaturas à imagem de Deus e vivem no mundo de Deus (BAHNSEN, 2016).

Nesse sentido, há um ponto em comum entre cristãos e não cristãos que torna todos acessíveis a Deus. Esse ponto de contato está na revelação de Deus. Todos estão em contato com a verdade acerca do Criador e tem conhecimento dele, seja por dentro ou por fora, porque são imagem de Deus. Van Til (2010a, p. 93) ratifica quando diz que

O ponto de contato para o evangelho, portanto, deve ser buscado no próprio homem natural. No mais profundo de sua mente, todo homem sabe que é criatura de Deus e responsável perante Ele. Todo homem, em seu íntimo, sabe que quebrou a aliança. Mas todo homem age e fala como se não fosse verdade. Esse é um ponto que ele não suporta seja mencionado em sua presença. [...] Existe um ponto de contato garantido no fato de que todo homem é feito à imagem de Deus e possui impresso em sua natureza a lei de Deus.

Há algo a acrescentar. Para Van Til, é necessário fazer uma distinção entre o aspecto psicológico (termo que ele usa de modo intercambiável com “metafísico”) e epistemológico quando se vai buscar um terreno comum na revelação subjetiva do homem, isto é, na revelação de Deus ao ser humano dentro dele. Subjetivamente, as pessoas tem conhecimento de Deus. Dentro de si, por ser imagem de Deus, a revelação chega até o homem. Isso já foi evidenciado no fato de que se existisse a possibilidade de o homem caído fugir da revelação em algum lugar, inclusive dentro de si, ele o faria. Mas isso não é possível, pois toda revelação, inclusive dentro do próprio homem, aponta para Deus. Van Til corrobora ao afirmar que

Independentemente de qual botão de rádio se aperte, a voz que se ouve sempre é a voz de Deus. Mesmo quando o ser humano aperta o botão de sua própria atividade psicológica autoconsciente, por meio da qual, como último recurso, o pecador pode esperar outra voz, ele ainda ouve a voz de Deus. (VAN TIL, 2018, p. 112-113).

A verdade é que Deus não deixou sem testemunho nem mesmo o coração humano (At 14:17), isto é, a revelação de Deus também alcança o homem subjetivamente. O homem conhece Deus pelo que Deus revela dentro dele. E o *desiderium aeternitatis* faz parte da revelação de Deus dentro do homem. Por ser criado à imagem de Deus, o próprio Deus implantou no coração do homem esse anseio pelo eterno que o liga a ele.

Calvino dá indícios desse anseio pela eternidade como um aspecto presente na constituição humana e que atesta nosso conhecimento de Deus ao afirmar que nossa necessidade e sede de Deus compele-nos a direcionar nosso olhar para o alto e entender que toda nossa carência somente pode ser suprida no Deus que é infinito e possui toda plenitude que tanto almejamos. Ele diz:

Por estas mercês que do céu, gota a gota, sobre nós se destilam, somos conduzidos à fonte como por pequeninos regatos. Aliás, já de nossa própria carência melhor se evidencia aquela infinidade de recursos que residem em Deus. Particularmente, esta desventurada ruína em que nos lançou a defecção do primeiro homem nos compele a alçar os olhos para o alto (CALVINO, 2006, p. 47).

Ele continua afirmando que até mesmo esse intenso senso de infelicidade por estarmos separados do Criador, resultantes do mundo caído e de nossa terrível situação após a queda, deve aguçar em nós algum conhecimento de Deus. Por estarmos cientes de nossa insatisfação, infelicidade e miséria, somos impelidos a buscar a Deus:

Ora, como no homem se depara um como que mundo de todas as misérias, e desde que fomos despojados de nosso divino adereço, vergonhosa nudez põe a descoberto imensa massa de torpezas, do senso da própria infelicidade deve necessariamente cada um ser espicaçado para que chegue pelo menos a algum conhecimento de Deus. (Ibid. p. 47).

Vale ressaltar ainda que, segundo Calvino, nascemos com uma disposição de conhecer Deus e aquele que abandona essa busca aparta-se daquilo para o qual foi criado, tendo uma vida de inquietude e desassossego (Ibid.). Dessa forma, o que nos torna superiores aos animais é unicamente esse senso da divindade implantado em nosso coração, ou seja, o que nos faz superiores “é tão-somente o culto de Deus, mediante o qual se aspira à imortalidade.” (Ibid. p. 56). Nesse aspecto, pode-se dizer que somos direcionados para Deus e nossa carência, miséria e infelicidade apontam para nossa necessidade de Deus e do conhecimento verdadeiro dele.

Bavinck foi ainda mais categórico e enfatizou claramente o *desiderium aeternitatis* como parte constituinte da revelação de Deus a todos os homens. Ele diz que

Por mais afastado de Deus que o homem vaguear, ele ainda permanece ligado ao céu; nas profundezas de sua alma, ele está conectado a um mundo de coisas invisíveis e supranaturais; em seu coração, o homem é um ser supranatural; sua razão e consciência, seu pensamento e volição, suas

necessidades e afetos estão fundamentados naquilo que é eterno. (BAVINCK, 2019, p. 175).

Mesmo que a imagem de Deus no homem tenha sido desfigurada pelo pecado, ele ainda possui dentro de si a revelação de Deus que não somente o torna indesculpável, mas remete-o ao Éden e o faz lembrar de sua origem e alvo, que é Deus. E essa saudade do Éden presente no homem, resquício da imagem de Deus perdida, é peremptória “não somente para torná-lo culpado, mas também para dar testemunho de sua primeira grandeza e lembrá-lo continuamente de seu chamado divino e de seu destino celestial.” (BAVINCK, 2001, p. 18). Por isso, é notório que “ele é uma criatura que não pode ser plenamente satisfeita com o que o mundo físico tem para oferecer” (Ibid., p. 18), buscando erguer-se para uma realidade além deste mundo, com um desejo pelos bens celestiais e eternos.

Bavinck vai além ao afirmar que o conhecimento do homem é espiritual e transcende aquilo que é visível, fazendo-o buscar uma verdade que é eterna, imutável e duradoura. Ele diz:

O pensamento e o conhecimento do homem, apesar de serem extraídos de seu cérebro, são, todavia, em sua essência uma atividade inteiramente espiritual, pois transcendem aquilo que ele pode ver e tocar. Através do pensamento ele estabelece uma conexão com um mundo que ele não pode ver nem tocar, mas que é real e que possui mais realidades essenciais do que a corporalidade desta terra. O que ele realmente está procurando não é uma realidade tangível, mas a verdade espiritual, a verdade que é única, eterna e imperecível. Seu entendimento só pode encontrar descanso na absoluta verdade Divina. (Ibid., p. 18).

Dito de outra forma, o ser humano tem uma busca incansável por um bem maior que não é satisfeito por coisas encontradas nesta vida, um bem que perdure independente das circunstâncias, algo que ele só encontra em Deus. Citando o texto de Eclesiastes 3.11, Bavinck demonstra como esse desejo pelo eterno foi implantado por Deus como algo que é inerente à nossa constituição como seres humanos por sermos imagem de Deus, algo que está no centro de nossa personalidade:

Esse *desiderium aeternitatis*, essa ânsia por uma ordem eterna, que Deus plantou no coração do homem, no mais íntimo esconderijo do seu ser, no centro de sua personalidade, é a causa do fato indiscutível de que nem mesmo tudo que pertence a ordem temporal pode satisfazer o homem. Ele é um ser sensorial, terreno, limitado e mortal, mas ainda e atraído para a eternidade e destinado a ela. (Ibid., p. 19)

Ainda que ele tente eludir desse desejo, não consegue. Onde quer que ele procure realizar esse anseio, sua carência persiste. Por fazer ídolos para si, concentra sua

procura em lugares escusos, distante da fonte de sua alegria. No entanto, o anseio permanece em todos como uma comprovação de que Deus fomos criados por Deus e para ele. Essa busca assevera que temos conhecimento dele, e que somos confrontados por sua revelação dentro de nós.

Fundamentado no pensamento de Bavinck, Davi Charles Gomes, notável especialista e um dos maiores expoentes na área de apologética pactual do Brasil, também sugere que esse *desiderium aeternitatis*, por ser parte da revelação natural de Deus, seja posto como ponto de contato entre cristãos e não cristãos para a defesa da fé e desafio à incredulidade.⁸

Logo, a revelação de Deus dentro do homem proporciona um terreno em comum, ainda que não seja neutro, entre cristãos e não cristãos, mas somente metafisicamente falando. Não se pode afirmar isso em termos epistemológicos, haja vista que o homem, em Adão, interpreta essa revelação subjetiva de modo rebelde. Ou seja, a revelação de Deus, que é claramente perceptível ao homem e está presente a todo homem, deve ser distinguida com cautela da reação ética que os pecadores assumem em relação a essa revelação. (VAN TIL, 2010a). Partindo deste sentido metafísico, o *desiderium aeternitatis* pode ser utilizado como um ponto de contato entre o crente e o incrédulo. Isso porque o *desiderium aeternitatis* é um aspecto da revelação de Deus ao homem, ao evidenciar sua sede pelo eterno, sua busca por uma realidade além desta, sua insatisfação ao tentar preencher-se com as coisas terrenas, seu anseio por uma felicidade permanente, sua fome por encontrar descanso duradouro, seu desejo por um destino eterno pleno de alegria. Por estar em rebelião diante de Deus, detendo a verdade em injustiça e se curvando aos ídolos ao invés de Deus, o ser humano procura abafar a revelação do Criador e suprimir o conhecimento que possui dele. Porém, apesar de empenhar-se em fugir de Deus, suas tentativas são vãs. Ele é “como alguém que fica constantemente jogando água em um fogo que não pode ser apagado” (VAN TIL, 2010a, p. 92). A ironia é que até mesmo buscar falsos substitutos para pôr no lugar do Criador testemunha da revelação do Deus verdadeiro ao evidenciar sua necessidade da adoração. Sua busca pelo eterno aponta para sua necessidade de relacionamento com o Criador. Sua propensão em valer-se de paliativos inúteis manifesta que ele é sempre atraído para o Deus verdadeiro.

⁸ Em entrevista concedida ao Ministério Fiel, Davi expressa claramente tal posicionamento. Ver: **O que é pressuposicionalismo?** Disponível no site voltemos ao evangelho: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/08/o-que-e-pressuposicionalismo-davi-charles-gomes/>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

Portanto, partindo da questão esboçada nesse capítulo, e levando em consideração a distinção entre o aspecto metafísico e epistemológico da revelação, entende-se que o *desiderium aeternitatis*, como um aspecto da imagem de Deus no homem e sendo parte da revelação de Deus dentro dele, pode ser utilizado como ponto de contato entre cristãos e não cristãos. Embora o ser humano caído, como alguém que responde eticamente à revelação, tente interpretar esse desejo pela eternidade de uma forma distorcida, por suprimir a verdade de Deus em injustiça, ele não pode negar a atividade revelacional de Deus dentro de si, o Deus que o criou e implantou esse anseio pelo eterno em seu coração.

Considerações finais

À vista de tudo que foi exposto, pode-se fazer algumas observações. Foi visto que o ser humano tem implantado dentro de si um desejo ardente pelo eterno. Ele não consegue evadir-se dele, pois foi algo posto por Deus em seu coração, por ser criado à sua imagem e estar sempre ligado a ele. Explicou-se no que consiste esse anseio baseado no texto bíblico de Eclesiastes e como ele está presente em nossas experiências. Como alguém que mostrou notavelmente as implicações do *desiderium aeternitatis* em toda sua vida e obra, dedicou-se considerável tempo para identificar como C. S. Lewis descreveu esse desejo por outro mundo em diversos momentos ao longo de muitos dos seus escritos. Embora Lewis não seja categorizado na tradição apologética propriamente estudada aqui, ele destaca-se em descrever eficientemente o que vem a ser o *desiderium aeternitatis*, e foi importante para explicar de forma mais clara no que consiste esse desejo pelo eterno.

Alicerçado no pensamento reformado de Calvino, Bavinck, John Frame, entre outros, pode-se estabelecer os fundamentos do estudo sobre a revelação natural de Deus e sua relação com o conhecimento de Deus. A partir do pensamento de Calvino pode-se inferir alguma relação entre o conhecimento de Deus e o *desiderium aeternitatis*. Mas foi Herman Bavinck quem se posicionou mais claramente acerca do *desiderium aeternitatis*, mostrando como ele é parte indelével da *imago dei* e serve como fundamento para o conhecimento de Deus através da revelação geral que alcança todos os homens.

Sob à luz da doutrina do conhecimento de Deus do ponto de vista reformado, discutiu-se sucintamente sobre a apologética actual. Diante das discussões e questionamentos levantados a respeito do ponto de contato, levando em consideração principalmente o pensamento de Cornelius Van til, percebeu-se que, partindo da revelação, a apologética actual afirma que o ponto de contato entre

incrédulos e crentes deve ser baseado na *imago dei*, sobretudo na revelação dentro de nós.

Conclui-se, portanto, que, resguardada a diferença entre o aspecto metafísico e epistemológico da revelação, o *desiderium aeternitatis* pode ser utilizado como ponto de contato entre cristãos e não cristãos, tornando-se uma ferramenta útil para o apologista ao mostrar como esse desejo do homem por algo maior que essa realidade criada aponta para o Deus trino.

Obviamente, essa pesquisa buscou propiciar apenas uma discussão prévia e incipiente, que merece ser mais aprofundada em todas as suas implicações. Contudo alcança o objetivo proposto ao apresentar as ligações existentes entre o *desiderium aeternitatis* e o conhecimento de Deus e responder sobre a possibilidade de um ponto de contato entre crentes e incrédulos. Muito ainda pode ser explorado a respeito dessa temática, podendo ser desenvolvidas mais aplicações práticas desse método apologético com diferentes ênfases. Por ser uma abordagem apologética ainda não muito adotada no contexto brasileiro, sendo que apenas nos últimos anos têm ocorrido um despertar e um esforço para sua popularização, existe quantidade mínima de material traduzido em nossa língua, mas que certamente será aumentada nos próximos anos.

Por fim, como cristãos que desejam vindicar a verdade do cristianismo, podemos usar esse anseio pela eternidade presente em toda humanidade, reflexo da *imago dei*, para apresentar o Deus trino das escrituras, confrontando a incredulidade, proclamando suas reivindicações e levando cativo todo conhecimento ao Senhor, aquele para o qual toda realidade aponta e para quem são todas as coisas.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios, A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998. (coleção Patrística, 11)

----- . **Confissões**. Jandira, SP: Principis, 2019.

BAHNSEN, Greg L. **Sempre Preparados: Orientação para defesa da fé**. 1 ed. Brasília, DF: Monergismo, 2016. Ed. Kindle.

BAVINCK, Herman. **A filosofia da Revelação**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019.

----- . **Dogmática Reformada: Deus e a Criação**. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

----- . **Teologia Sistemática**. Santa Bárbara d'Oeste, SP: SOCEP, 2001.

CALVINO, João. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã vol. I**. edição clássica. 4v. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. **Pergunta número 2**. Disponível em: Aplicativo CONFE, 2016.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. v.4. 2 ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

DURIEZ, Colin. **J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis: o dom da amizade**. 1.ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

EATON, Michael A. CARR, G. LLOYD. **Eclesiastes e Cantares: Comentário e introdução**. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.

FRAME, John. **A Doutrina do Conhecimento de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

GOMES, Davi Charles. **O que é pressuposicionalismo?** Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/08/o-que-e-pressuposicionalismo-davi-charles-gomes/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

GOMES, Wadislau Martins. **Todo mundo pensa, você também: aprendendo a pensar biblicamente**. 1 ed. eletrônica. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018. Ed. Kindle.

NETO, Emílio Garofalo. **Futebol é Bom Para Cristão: vestindo a camisa em honra a Deus.** Brasília, DF: Monergismo, 2018.

_____. **Homo Explorens: o anseio humano pela exploração do universo.** In: Coram Deo: A vida perante Deus. Ensaios em honra a Wadislau Gomes. Brasília, DF: Monergismo, 2017. (Org.): Felipe Sabino de Araújo Neto.

KAISER JR. Walter C. **Comentários Do Antigo Testamento: Eclesiastes.** São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

KIDNER, Derek. **A Mensagem de Eclesiastes.** São Paulo: ABU Editora, 1989.

LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia.** vol. único. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a.

_____. **Até que Tenhamos Rostos: A releitura de um mito.** Viçosa, MG: Ultimato, 2017.

_____. **Cristianismo Puro e Simples.** 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009b.

_____. **O peso de glória.** São Paulo: Editora Vida, 2008.

_____. **O Problema do Sofrimento.** 2 reimp. São Paulo: Vida, 2009c.

_____. **O Regresso do Peregrino: Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo.** Viçosa, MG: Ultimato, 2019.

_____. **Surpreendido pela Alegria.** 1. ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência Humilhada.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

PEARCEY, Nancy. **A Busca da Verdade.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

RADMACHER, Elton. et al. **O novo Comentário Bíblico Antigo Testamento com recursos adicionais: A Palavra de Deus ao alcance de todos.** Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010.

RYKEN, Philip Graham. **Estudos Bíblicos Expositivos em Eclesiastes.** São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém.** São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

VAN TIL. Cornelius. **Apologética Cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010a.

----- . **O pastor Reformado e o Pensamento Moderno**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010b.

----- . **Graça Comum e o Evangelho**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

WILSON, Douglas. **Alegria no Limite das Forças: A inescrutável sabedoria de Eclesiastes**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2015.